



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRARIAS – CCHA
CAMPUS IV – DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADE – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ELISA FRANKLIN DE MESQUITA NETA

**A MULHER NA NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR: LEITURA DO
CONTO “PRAÇA MAUÁ”**

**CATOLÉ DO ROCHA –
PB 2024**

ELISA FRANKLIN DE MESQUITA NETA

**A MULHER NA NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR: LEITURA DO
CONTO “PRAÇA MAUÁ”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciatura plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva

**CATOLÉ DO ROCHA –
PB 2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Ficha catalográfica

M582m Mesquita Neta, Elisa Franklin de.
A mulher na narrativa de Clarice Lispector [manuscrito] :
leitura do conto "Praça mauá" / Elisa Franklin de Mesquita
Neta. - 2024.
27 f.
Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2024.
"Orientação : Prof. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento
de Letras e Humanidades - CCHA".
1. Conto. 2. Clarice Lispector. 3. Identidade. 4. Gênero. I.
Título

21. ed. CDD 869.9301

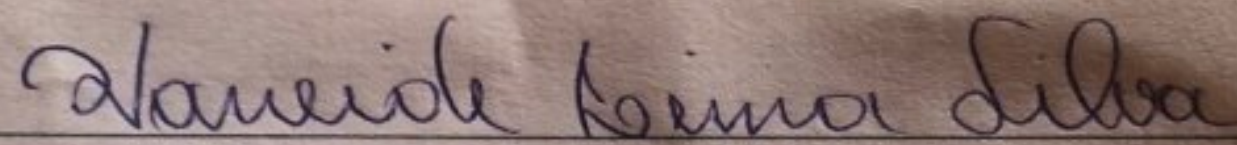
ELISA FRANKLIN DE MESQUITA NETA

**A MULHER NA NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR: LEITURA DO
CONTO “PRAÇA MAUÁ”**

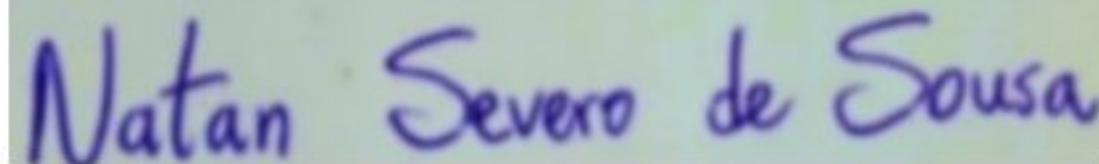
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciatura plena em Letras;

Aprovado em 22 de novembro de 2024.

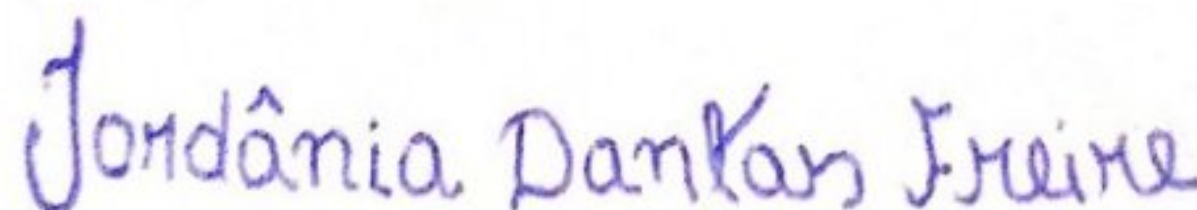
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.Esp. Natan Severo de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Ma. Jordânia Dantas Freire
Instituto Federal do Rio Grande do
Norte (IFRN)

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2024

Dedico a minha mãe, cuja fé em mim ilumina meus passos, e ao meu pai, que vive eternamente nos sonhos que semeamos juntos e que hoje florescem em minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por guiar os meus passos até aqui e me fortalecer ao longo de toda essa jornada.

À minha mãe, minha inspiração e luz, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e torcendo por mim em todos os momentos.

As minhas colegas e amigas, Karol, Samara, Janiele e Danielle, por tornarem essa caminhada de cinco anos mais leve, compartilhando risos e desafios e estando sempre presentes nos momentos mais significativos dessa fase.

À minha orientadora, que, apesar de já ter muitos orientandos, aceitou me orientar com imensa paciência e dedicação, proporcionando todo o auxílio necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

A banca examinadora, composta pelo professor Esp. Natan Severo de Sousa e pela professora Ma. Jordânia Dantas Freire, por aceitarem o convite.

Agradeço também aos professores do curso de letras da Universidade Estadual da Paraíba - campus IV, por toda a orientação e conhecimentos transmitidos ao longo da graduação, os quais foram essenciais para minha formação acadêmica e pessoal.

“Embora *Clarice* não tenha se considerado 'feminista', por rejeitar rótulos, colaborou para a emancipação da mulher ao lhe legar sua obra, que pode ser considerada como o registro de um mapeamento dos caminhos que a mulher pode encontrar no sentido de se libertar de tudo o que a aprisiona nessa nossa sociedade patriarcal e machista.” - *Nádia Battella Gotlib*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma leitura crítica do conto "Praça Mauá", de Clarice Lispector, que integra a coletânea, *A via crucis do corpo* (1974), procurando examinar, com base em pesquisa qualitativa que busca apoio na pesquisa bibliográfica, de que modo a personagem principal desafia e reflete as normas sociais atribuídas às mulheres. A escolha desse conto se justifica pelo interesse em perceber a habilidade da autora em suscitar reflexões complexas e profundas por meio de histórias aparentemente simples, evidenciando questões importantes a serem debatidas, como pressões sociais, conflitos internos e a busca pela autoidentidade feminina. Dessa forma, promove-se uma reflexão crítica acerca dos papéis de gênero e da liberdade individual. Com base nos estudos de Bonicci e Zolin (2009), Jinzenji (2012), Rosenbaum (2002) entre outros, percebemos que a crise vivida pela protagonista vai além de uma simples busca por aceitação social. Através da análise desse elemento narrativo (personagem protagonista), pudemos verificar que a protagonista reflete um profundo questionamento sobre a construção de sua própria identidade em um contexto no qual as expectativas e normas impostas pela sociedade patriarcal moldam o comportamento feminino.

Palavras-chaves: Conto; Clarice Lispector; Identidade; Gênero.

ABSTRACT

The present work aims to carry out an analytical reading of the short story "Praça Mauá by Clarice Lispector, which is part of the collection, *A via crucis do corpo* (1974), seeking to examine how the main character challenges and reflects social norms attributed to women. The choice of this short story is justified by the interest in realizing the author's ability to raise complex and profound reflections through apparently simple stories, highlighting important issues to be debated, such as social pressures, internal conflicts and the search for female self-identity. In this way, critical reflection on gender roles and individual freedom is promoted. Based on studies by Bonicci e Zolin (2009), Jinzenji (2012), Rosenbaum (2002), Rosenbaum (2002) among others, we realize that the crisis experienced by the protagonist goes beyond a simple search for social acceptance. Through the analysis of this narrative element (protagonist character), we were able to verify that the protagonist reflects a deep questioning about the construction of her own identity in a context in which the expectations and norms imposed by patriarchal society shape female behavior.

Keywords: Short story; Clarice Lispector; Identity; Gender

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A INSERÇÃO DA MULHER NO MEIO LITERÁRIO: uma abordagem histórica	14
2.1	A Produção literária de Clarice Lispector	17
2.1.1	A representação da mulher no conto “Praça Mauá”	20
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a mulher tem se destacado em diversas esferas da sociedade, mesmo assim, ainda ocupa pouco espaço na política e no mercado de trabalho. De um modo geral, ainda ganha menos que os homens, fazendo-se necessário refletir sobre a condição feminina na sociedade atual. No contexto da Literatura brasileira, verificamos que a mulher encontra na obra de Clarice Lispector um lugar de destaque. A leitura do conto “Praça Mauá”, por exemplo, narrativa que integra a *coletânea A Via crucis do corpo* (1974), põe em evidência uma dançarina de cabaré casada com o carpinteiro Joaquim e dessa relação percebemos o comportamento questionador da protagonista, num indício claro do quanto Clarice Lispector demonstra inquietação e preocupação com a submissão feminina. Sua inquietação instiga a leitura de seus textos, razão pela qual selecionamos este conto para a realização desse trabalho.

Pretendemos, dessa forma, analisar o conto “Praça Mauá” procurando observar de que modo a personagem principal do conto retrata as expectativas associadas à mulher em uma sociedade patriarcal, além de identificar o papel da mulher na narrativa de Clarice Lispector. Esperamos, assim, responder ao seguinte questionamento: de que maneira a condição feminina é retratada na literatura, especialmente na narrativa “Praça Mauá”, de Clarice Lispector? Ou seja, de que maneira a personagem principal do conto retrata as expectativas sociais associadas a mulher na sociedade atual?

Trabalhos como este se justificam na medida em que tendem a apontar a habilidade da escritora em abordar questões universais, trazendo reflexões profundas e complexas em narrativas aparentemente simples. De fato, qualquer mulher vivendo em uma sociedade patriarcal, mesmo com uma vida completamente diferente da personagem, pode se identificar com os questionamentos levantados pela personagem, passando a refletir sobre sua própria condição na sociedade.

Do ponto de vista de sua metodologia, trata-se de um estudo de base qualitativa que busca apoio na pesquisa bibliográfica. Para tanto, buscamos apoio teórico em trabalhos como os de Rosenbaum (2002), Zolin (2009), Gotlib (1995) e outros autores relevantes para a análise que gira em torno da protagonista do conto de Clarice Lispector.

Quanto a estrutura organizacional da pesquisa, dividimos o trabalho em três momentos: inicialmente, discutiremos a produção de autoria feminina na literatura brasileira; em seguida, trazemos alguns estudos já realizados em torno da obra de Clarice Lispector, objetivando, assim, apontar o lugar da autora no contexto da literatura brasileira; por fim, no terceiro momento, realizamos a análise do conto "Praça Mauá", procurando evidenciar de que modo a identidade feminina é representada na narrativa.

Esperamos que o nosso estudo some-se aos tantos outros já desenvolvidos em torno da obra de Clarice Lispector, promovendo a ampliação da discussão de sua obra e promovendo o debate acerca da representação da mulher na literatura. Desse modo, entendemos que esta pesquisa oferece uma visão crítica que pode enriquecer o ensino de literatura, incentivando professores e alunos a explorarem as complexidades da experiência feminina e as formas como esta é narrada.

2 A INSERÇÃO DA MULHER NO MEIO LITERÁRIO: uma abordagem histórica

As referências à escrita feminina são encontradas, em primeiro momento, nos prospectos dos periódicos, nos quais eram direcionados para mulheres, sendo um deles, o espelho diamantino, do Rio de Janeiro. Desse modo, a escrita feminina começa a se fazer presente nos jornais da época, onde eram comuns, e de conhecimento da sociedade, senhoras que escreviam poesias, no entanto elas preferiam o anonimato, conforme aponta Jinzenji (2012).

De acordo com essa autora, o periódico "O Mentor das Brasileiras" pode ser classificado como uma publicação de notícias e variedades, o qual contém uma pequena presença de textos atribuídos a mulheres. Essas contribuições femininas consistem majoritariamente em poesias, sonetos, hinos, cartas enviadas por leitoras e transcrições de discursos realizados por professoras de escolas públicas femininas durante os exames semestrais.

Jinzenji (2012) observa que as professoras estavam entre as poucas mulheres que se identificavam em seus escritos, sendo uma delas Beatriz Francisca de Assis Brandão, a qual parecia já ter certa familiaridade com a escrita e com outros jornais, como *O Universal*, de *Ouro Preto* e *O Farol Paulistano*, de São Paulo, pois neles são encontrados textos de sua autoria. Além disso, a professora Beatriz também escrevia textos, nos quais indicava leituras de livros. Geralmente suas indicações tinham conteúdo que apontavam as funções da mulher na sociedade.

Ainda com base nessa autora, verificamos que apesar de ser possível observar uma evolução no que se refere à alfabetização e à prática da leitura pelas mulheres, no entanto, também se nota uma limitação nas obras recomendadas a elas, uma vez que certos tipos de conhecimento eram considerados inadequados para o público feminino. Filosofia e novelas eram mal vistos, pois poderiam desvirtuar as jovens. Em seu lugar, incentivava-se a leitura de textos que reforçassem valores cristãos e as virtudes associadas a uma boa mãe e esposa.

Segundo Jinzenji (2012), em uma matéria do periódico pernambucano *o Popular*, intitulada "Educação - As Moças" são feitas advertências aos pais sobre o tipo de leitura as quais suas filhas devem se dedicar. A publicação enfatiza a importância de afastá-las de romances que poderiam suscitar sentimentos inadequados. Sugerindo, ao invés disso, obras que fossem moralmente edificantes e

instrutivas, como as Epístolas de São Paulo e a Imitação de Cristo de Tomás de Kempis. E ao final, uma alerta contra jovens que aspiram ser filósofas ou debatedoras. Assim sendo, após séculos de submissão, frequentemente legitimada por valores religiosos, muitas mulheres começaram a se mostrar insatisfeitas com a posição social que lhes era imposta. Isso se deve ao fato de que o modelo tradicional de organização social, que limitava a atuação feminina ao espaço doméstico, já não correspondia à realidade de muitas que, por necessidade ou escolha, integravam o mercado de trabalho. Nesse contexto, a crítica à ideologia patriarcal não surgia apenas por uma mudança nos valores culturais e ideológicos, mas também por uma questão de sobrevivência econômica, segundo colocam Bonicci e Zolin (2009):

Pesquisas mostram que em meados do século XIX grande parte das mulheres inglesas trabalhava fora como domésticas, costureiras, operarias em fabricas ou em fazendas. De modo que o tédio que supostamente marcaria a existência da mulher idealizada pela ideologia vitoriana não consistia, absolutamente, no seu principal problema, era prerrogativa de uma minoria. Nesse sentido, a oposição erigida contra tal ideologia era impelida por, pelo menos, duas razões: uma referente a valores ideológicos, outra a necessidade de sobrevivência. (Bonicci;Zolin, 2009, p.164)

Dessa forma, esse contexto citado acima, acabou desencadeando uma série de eventos que mais na frente formou o movimento feminista, que teve como luta inicial o direito ao voto, simbolizando a tentativa de romper com a exclusão política imposta as mulheres e com isso abrir caminho para uma participação mais ativa na sociedade. Nesse sentido, as mulheres começaram a lutar por direitos e por sua presença em lugares que até então eram de exclusividade masculina. Bonicci e Zolin (2009, p.164) apontam ainda que “esse estado de coisa acabou por desencadear uma série de ações que caminharam no sentido de instituir o feminismo como um movimento político organizado na Inglaterra”. Assim o feminismo emergiu desafiando estruturas patriarcais e reivindicando igualdade de direitos e oportunidades.

Sendo assim, ainda com base nessa autora, e no que diz respeito ao Brasil, o feminismo se desenvolveu junto aos movimentos abolicionistas e da proclamação da república, conforme declara Zolin (2009, p.165): “A republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta (pseudônimo de Dionisía Gonçalves pinto) foi, também, a primeira teórica do feminismo no Brasil.” O seu primeiro livro, publicado em 1832 e intitulado como *Direito das Mulheres e Injustiças dos Homens*, levantou o debate sobre a autonomia e igualdade feminina. Entretanto, não se tem informações de outros livros com essa temática sendo publicados na mesmo época, o que fez da

obra de Dionisía uma manifestação isolada, ainda conforme observam Bonicci e Zolin (2009).

Desse modo, com o surgimento das primeiras ondas feministas, muitas mulheres começaram a buscar espaço como escritoras, campo que até então era dominado por homens. Contudo, enfrentar as convenções sociais que desvalorizavam a produção feminina não foi fácil. Para evitar as represálias, várias mulheres usavam pseudônimos masculinos. No Brasil muitas escritoras não tiveram seu devido reconhecimento por parte da crítica da época, mas foram de extrema importância para denunciar a opressão feminina. É o caso, por exemplo, de Maria Firmina dos Reis, que, segundo Zolin (2009) publica a obra que é considerada o primeiro romance de autoria feminina: *Úrsula* (1859).

Nesse sentido, sendo um campo dominado por homens, o reconhecimento de mulheres na literatura foi por muito tempo limitado. Muitas produções femininas foram desvalorizadas ou esquecidas. Além do uso dos pseudônimos, conforme já colocamos, para evitar preconceitos, quando se identificavam não eram levadas a sério e tinham seus escritos menosprezados pela crítica. Poucas escritoras conseguiram ter suas obras reconhecidas e valorizadas. Assim sendo, de acordo com Brandileone e Alves (2021), o século XX é o período em que surge um movimento maior pela luta dos direitos da mulher. É também época em que Clarice Lispector aparece no cenário literário brasileiro, como declaram Brandileone e Alves (2021):

Nesse cenário de transformação, é relevante problematizar que até a década de 1970, Clarice Lispector, ao lado de Raquel de Queiroz e Cecília Meireles fizeram parte dos poucos nomes femininos reconhecidos pela crítica literária Brasileira. Nessa conjuntura em que apenas poucas escritoras tinham reconhecimento de historiadores e críticos literários, pressupõe-se que outros nomes foram silenciados, o que desvela a trajetória percorrida por mulheres que não apenas buscaram encontrar seu lugar na sociedade, como também na literatura. (Brandileone e Alves, 2021, p.8)

Brandileone e Alves (2021) confirmam o posicionamento de Zolin (2009), apontam ainda que no que se refere ao Brasil, pode-se dividir a escrita de autoria feminina em três etapas; a primeira categoria pode ser ilustrada pelo romance *Úrsula* (1859); já a segunda etapa pode ser representada pela obra de Clarice Lispector, pois ela rompe com a construção de personagens feitas por uma perspectiva masculina, evidenciando a opressão sofrida pelas mulheres, enquanto a terceira representa o período em que a mulher está em um processo de autodescoberta, o livro que melhor se encaixa nessa etapa é *O homem da mão seca*, de 1994, que tem como autora Adélia Prado.

Nesse sentido, conforme Brandileone e Alves (2021), ao levar em consideração todo o histórico de opressão vivido pelas mulheres, torna-se essencial refletir sobre a necessidade da expressão e representatividade feminina. Uma vez que, no século XIX o termo “escrita feminina” era visto de forma pejorativa, recheado de preconceitos, muito embora esse termo tenha sido reescrito, repensado. De modo que, a literatura de autoria feminina hoje representa a desconstrução de estereótipos que por muito tempo foram associados ao feminino. Ao criar personagens que denunciam a desigualdade entre gêneros, Clarice Lispector se encaixa no cenário da literatura de autoria feminina.

2.1 A produção literária de Clarice Lispector

De acordo com Moser (2023), Clarice Lispector nasceu em uma aldeia chamada Tchetchelnik, na Ucrânia, em 1920, mas veio com seus pais para Maceió em 1921. Em 1924, sua família mudou-se para Recife, onde viveu por nove anos. Foi nesse período que Clarice aprendeu a ler e escrever, descobrindo, então, o mundo da literatura. Ela amava os livros, mesmo sem compreender, na época, o que era um autor. Quando finalmente entendeu, imediatamente desejou tornar-se uma.

Sendo assim, ainda segundo Moser (2023), como ela mesma afirma em um depoimento gravado em 1976, na sede do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, que contou com a participação da jornalista e escritora Marina Colasanti, do poeta, crítico e professor Affonso Romano de Sant’Anna, além do diretor do MIS, João Salgueiro: “Depois, quando eu aprendi a ler, devorava os livros, e pensava que livro era como árvore, como bicho, coisa que nasce. Não sabia que havia um autor por trás de tudo. Lá pelas tantas eu descobri que era assim e disse: ‘Isso eu também quero’”.

Ademais, ainda segundo Moser (2023), Lispector teve uma infância humilde, sendo filha de imigrantes ucranianos. Seu pai trabalhava na lavoura durante o período em que a família vivia na Ucrânia e, após se estabelecer no Rio de Janeiro, passou a atuar como representante de uma firma. Além do pai, a família era composta por sua mãe, que era uma pessoa com deficiência, e por duas irmãs. No entanto, Clarice não tinha consciência da condição de pobreza em que vivia, pois, para ela, era apenas uma criança feliz.

Sendo assim, desde a infância, Clarice Lispector já demonstrava seu talento literário, escrevendo contos infantis e enviando-os para o *Diário de Pernambuco*. Entretanto, conforme (Moser 2023) eles nunca eram publicados, fato que ela compreendia claramente. Em suas palavras: “No Diário de Pernambuco, às quintas-feiras, publicava-se contos infantis. Eu cansava de mandar meus contos, mas nunca publicavam, e eu sabia por quê. Porque os outros diziam assim: era uma vez e isso e aquilo. E os meus eram sensações”.

Dessa forma, esse depoimento revela que, desde cedo, Clarice se destacava pela profundidade de sua escrita. Enquanto outros contavam com enredos padrões e previsíveis, ela, mesmo criança, se dedicava a explorar as sensações humanas. Assim, ainda na infância, Clarice já apresentava uma abordagem literária diferenciada, que iria muito além do simples ato de narrar fatos, característica que marcaria toda a sua obra futura. É o que aponta Rosenbaum (2002, p. 09):

Mesmo tendo evitado expor sua intimidade ao público, Clarice Lispector fez de seus textos um vasto itinerário de uma identidade inquieta e turbulenta, inadaptável às expectativas sociais, obsessiva na captura de si mesma e do outro, desmascarando, sob o verniz do cotidiano, um mundo de desejos e fantasias inconfessáveis. É possível conhecê-la através de inúmeros vestígios, indícios e revelações, dispersos sob as falas de tantas personagens, narradores implícitos ou interpostos, ou ainda nos vários fragmentos — espécies de epigrama e aforismo — que aparecem infiltrados num corpo textual incomum.

Com base nessa estudiosa e concordando com ela, quando diz que embora fosse extremamente reservada e sua obra não seja autobiográfica, é perceptível que Lispector usou sua escrita como um espaço onde constrói narrativas em que as personagens revelam traços de uma subjetividade inquieta, desmascarando o cotidiano, indo além do comum e do trivial para expor um universo de sentimentos, onde cada texto é uma tentativa de capturar a si mesma e o outro.

Ademais, em 1940, Clarice iniciou sua carreira no jornalismo, trabalhando como redatora e repórter na Agência Nacional. Segundo Rosenbaum (2002) seu primeiro conto, intitulado “Triunfo”, foi publicado no jornal carioca Pan, em 1940 e antecipa temas que se tornariam recorrentes em toda a sua obra. Além disso, Thimoteo e Teixeira (2009) apontam que Clarice Lispector utiliza-se do fluxo de consciência, para descrever o interior da mente dos personagens, criando obras exploradas no sentido vertical, isto é, de profundidade.

Perto do Coração Selvagem é o nome do primeiro romance publicado por Clarice Lispector, em 1943, aos seus 23 anos, que impactou a literatura nacional de tal forma que chamou atenção dos críticos literários da época, entre eles Antonio Candido e Sergio Milliet, esse último, segundo observa Segato e Rodrigues (2013), foi um dos primeiros críticos a avaliar a produção de Clarice em um ensaio datado em 15 de janeiro de 1944, que faz parte do segundo volume de seu diário crítico. Segato e Rodrigues (2013) declaram que:

Nele, o crítico deixa evidente a satisfação da “descoberta” após ler a página 160 de *Perto do coração selvagem*, o que o faz, mesmo desconfiado, continuar a leitura em um interesse que não decai e confirma suas primeiras impressões, quanto à riqueza psicológica e a originalidade do estilo da autora (Segato; Rodrigues, 2013, p.2).

Dessa forma, nessa primeira obra já é perceptível que Clarice se diferencia do estilo literário dominante, além de trazer uma personagem feminina que desafia a imagem da mulher passiva e conformista. As temáticas sobre a seca no Nordeste Brasileiro e de denúncia social, dominavam o cenário nesse período, época em que o destaque estava nos romances regionalistas. Observe o que afirma Rosenbaum (2002, p. 19) a esse respeito:

É nesse cenário que a obra de estreia de Clarice Lispector desestabiliza as referências romanescas instituídas, tais como o descritivismo de cenários e tipos humanos e o viés determinista e fatalista ainda impregnante. Antonio Candido sintetiza o 'desvio criador' representado pela escrita clariciana, que vai aos poucos saindo da marginalidade para tornar-se ponto de referência: 'A jovem romancista ainda adolescente estava mostrando à narrativa predominante em seu país que o mundo da palavra é uma possibilidade infinita de aventura, e que antes de ser coisa narrada a narrativa é forma que narra'. E afirma: 'Por isso o seu primeiro livro foi um choque, cuja influência caminhou lentamente, à medida que a própria literatura brasileira se desprendia das suas matrizes mais contingentes, como o regionalismo, a obsessão imediata dos “problemas” sociais e pessoais, para entrar numa fase de consciência estética generalizada.

Assim sendo, podemos afirmar que a obra de Clarice se difere dos romances da época, pois foca na exploração profunda da psique de seus personagens: “Para o romance regionalista de então, o que importava era a realidade social retratada em tom de denúncia da injustiça”, observa Resenbaum (2002, p. 18). Com base nesses estudos, podemos dizer que Clarice Lispector inaugura uma dimensão estética que era rara na época, privilegiando o fluxo de consciência e as indagações existenciais sobre as tradições do romance social e regional.

Por fim, vale destacar, ainda tomando como referência o estudo de Rosenbaum (2002), que a partir dos anos 80 os estudos sobre a mulher na literatura ganharam destaque, período em que se constatou que a estrutura das narrativas que se centravam em uma visão patriarcal do feminino, nas quais a mulher ocupa lugar passivo, pois se tratavam de textos escritos pela ótica masculina, começa a mudar. É o que pretendemos mostrar através da leitura crítica do conto “Praça Mauá”, procurando observar de que modo a personagem principal retrata as expectativas associadas á mulher em uma sociedade patriarcal.

2.1.1 A representação da mulher no conto “Praça Mauá”

A obra *A Via Crucis do Corpo* teve sua primeira publicação em 1974. Diferente das demais produções de Clarice Lispector, esse livro foi escrito sob encomenda. O editor Paulo Pacheco solicitou que a autora abordasse temas eróticos, que estavam em alta na época. Quando lançado, a obra recebeu uma recepção negativa por parte da crítica, possivelmente devido ao fato de abordar questões de sexualidade. Isso é o que aponta o estudo de Rocha e Silva (2024, p. 1), que assim se posicionam quanto ao título do livro, o qual, segundo essas autoras, apresenta uma qualidade literária inquestionável, observe:

Notemos que a expressão, *via crucis*, pode alcançar múltiplos significados. *Via* é caminho, é trajetória; *crucis* é cruz, refere-se ao sacrifício, ao sofrimento. A *via crucis* percorrida pela ficcionista para tratar do tema espinhoso (sexo) foi de invenção e reinvenção, de simulação e dissimulação, revestindo-o com características de sagrado, profano, sublime e banal, que passam pelas citações bíblicas da epígrafe, pelas referências contidas no prefácio/explicação e culminam, talvez, na paródia da natividade, exercitada no conto em estudo.

De acordo com a leitura crítica de Rocha e Silva (2024), a expressão “*Via crucis*”, que em latim significa “caminho da cruz”, faz alusão ao caminho doloroso percorrido por Cristo até a cruz. Desse modo, Clarice ressignifica esse conceito, ao abordar temas sobre a sexualidade, conforme interpretam Rocha e Silva (2024), para quem Lispector percorre um caminho simbolicamente espinhoso, pois tais temáticas eram consideradas tabus na época. Assim sendo, para abordar essas questões seria necessário ter coragem.

A coletânea é composta por 13 contos, são eles: “Miss Algrave”, “O corpo”, “Via crucis”, “O homem que apareceu”, “Ele me bebeu”, “Por enquanto”, “Dia após dia”, “Ruído de passos”, “Antes da ponte Rio-Niterói”, “Praça Mauá”, “A língua do ‘p’” “Melhor do que arder” e “Mais vai chover”, dos quais selecionamos para análise a narrativa “Praça Mauá”. Sobre essas narrativas, observam Scorsolini-Comin e Santos (2010, p. 625):

Entrecruzadas, essas histórias contestam a autoridade masculina, destruindo o arquivo machista que reprimiu, por séculos, a sexualidade das mulheres, instituindo um novo tipo de consignação, em que o gênero feminino buscaria encontrar sua voz própria e, por meio dela, apropriar-se de seu desejo a partir da posse plena de sua corporeidade.

Segundo o crivo desses autores, Clarice ousa em criar personagens que se libertam da moralidade, que por muitos séculos restringiu, por exemplo, a sexualidade das mulheres. Ao fazer isso, ela passa pelo julgamento da crítica conservadora, que coloca a obra *A via crucis do corpo* em um comparativo com as obras anteriores de Lispector, às quais não abordavam temas sexuais de forma tão marcante. “E, por essa razão, a autora é lida por uma crítica conservadora que enquadra sua obra como parte de uma literatura menor: uma obra vista como pornográfica, devido ao viés sexual, e que foi escrita por uma mulher mediante uma encomenda”, declaram Dering; Silva; Martins (2021, p. 286), os quais argumentam:

No entanto, é importante compreender que pela perspectiva teórica literária aqui proposta, a da filosofia da diferença, reputar a obra em análise como “menor” não intenta conotar algo pejorativo, mas o contrário. Pelo viés da diferença, um autor, e principalmente uma autora, propor-se a escrever uma obra que causa rupturas implica colocar-se em um território marginalizado da literatura, desdobrando sua obra para um devir menor. Consequentemente, autor e obra poderão ser emoldurados no campo da literatura marginal que vai na contramão do cânone (Dering;Silva;Martins, 2021, p. 287)

Nessa perspectiva, concordamos com os autores quando apontam que ao se inserir nesse lugar em que sua obra é vista como “literatura menor”, Clarice poderia ter o intuito de romper com o modelo dominante. Ou seja, não se restringir aos padrões ou ao cânone literário dominante, se posicionando de forma a questionar as normas culturais, sociais e literárias.

Centrando nossa atenção ao conto “Praça Mauá”, nos deparamos com o seguinte enredo: Luisa, cujo nome de guerra era Carla, trabalhava como dançarina em um cabaré na Praça Mauá chamado “Erótica”. Segundo o narrador “Carla era linda. Tinha dentes miúdos e cintura fininha. Era toda frágil. Quase não tinha seios,

mas tinha quadris bem torneados. Levava uma hora para se maquilar: depois parecia uma boneca de louça. Era casada com Joaquim um carpinteiro que se matava de trabalhar, enquanto “Carla trabalhava de dois modos: dançando meio nua e enganando o marido”. (Lispector, 1974, p.61).

O casal não tinha filhos, pois ele trabalhava até às 22:00, horário em que ela saía para o Erótica. De dia Carla\ Luisa dormia, a noite também tinha preguiça de trabalhar, mas depois se soltava na dança perdendo o sono e a timidez. Era uma boa dançarina de samba, mas ela também era chamada para beber com os fregueses. Algumas vezes dormia com os clientes e com o dinheiro que ganhava deles, comprava roupas, colares, pulseiras e anéis, dos quais tinha uma infinidade.

Era chamada a beber com os fregueses. Recebia comissão pela garrafa de bebida. Escolhia a mais cara. E fingia beber: não era de álcool. Fazia era o freguês se embriagar e gastar. Era tedioso conversar com eles. Eles a acariciavam, passavam as mãos pelos seus mínimos seios. E ela de biquíni cintilante. Linda.(Lispector,1974,p.61)

Observe que a personagem Luisa\Carla desafia o papel tradicional esperado para uma mulher na sociedade patriarcal. Em vez de ocupar o lugar de esposa submissa e dedicada ao marido, é dançarina em um cabaré e leva uma vida dupla, enquanto o marido é traído e enganado por ela. O papel de mulher recatada, também não é seguido por ela. No Erótica Carla se expõe dançando sem roupa, deixando que os homens a acaricie, fazendo de seu corpo propriedade dela mesma, que o usa para o que bem entender.

Conforme percebemos, ela vai de oposto às expectativas de submissão e feminilidade idealizadas pelo patriarcado. Além disso, a personagem é descrita como preguiçosa, que dorme durante o dia inteiro e a noite, quando vai trabalhar, boceja, desejando estar em sua cama. Mais uma vez mostrando um comportamento contrário ao esperado para uma mulher. Uma vez que, grande parte das mulheres se responsabilizam por inúmeras tarefas domésticas. Ademais, segundo Boris e Cesídio (2017), aquelas inseridas no mercado de trabalho, muitas vezes costumam estar sobrecarregadas, pois além das funções profissionais precisam dar conta das atividades do lar e da família. Ou seja, ser preguiçosa não era requisito de uma boa mulher, concepção que ainda é presente nos dias atuais.

Carla era uma Luísa preguiçosa. Chegava de noite, na hora de se apresentar em público, começava a bocejar, tinha vontade de estar de camisola na sua cama. Era também por timidez. Por incrível que parecesse, Carla era uma Luísa tímida. Desnudava-se, sim, mas os primeiros momentos de dança e requebro eram de vergonha. Só "esquentava" minutos depois. Então se

desdobrava, requebrava-se, dava tudo de si mesma. No samba é que era boa. Mas um blue bem romântico também a atiçava. (Lispector, 1974.p.61);

Vale destacar que nos momentos de tristeza Carla\Luisa socorria-se de Celsinho, um travesti de sucesso, filho de família nobre que abandonou tudo para seguir sua vocação, seu nome de guerra era Moleirão. Ele e Carla davam um bom dinheiro ao dono do Erótica. Celcinho havia adotado uma menina de quatro anos e cuidava dela muito bem, como uma verdadeira mãe. Já Carla tinha um gato siamês que se chamava Leléu, mas mal tinha tempo de cuidar, pois quando não estava trabalhando, estava dormindo ou fazendo compras.

Nos seus momentos de infelicidade socorria-se de Celsinho, um homem que não era homem. Entendiam-se bem. Ela lhe contava suas amarguras, queixava-se de Joaquim, queixava-se da inflação. Celsinho, um travesti de sucesso, ouvia tudo e aconselhava. Não eram rivais. Cada um tinha o seu parceiro (Lispector,1974,p.61)

Certo dia, Carla conversava com Moleirão, quando foi chamada para dançar por um homem alto e de ombros largos, nesse momento Celcinho se roeu de inveja, pois cobiçava aquele homem: De acordo com o narrador, quando a dança acabou e Carla voltou a sentar-se junto de Moleirão, este mal se continha de raiva.

E Carla inocente. Não tinha culpa de ser atraente.
E o homem grandalhão bem que lhe agradara. Disse para Celcinho:
— Com este eu ia para a cama sem cobrar nada. Celsinho calado. Eram quase três horas da madrugada.
O "Erótica" estava cheio de homens e de mulheres. Muita mãe de família ia lá para se divertir e ganhar um dinheirinho. Então Carla disse:
— É tão bom dançar com um homem de verdade. Celsinho pulou:
— Mas você não é mulher de verdade!
— Eu? como é que não sou? espantou-se a moça que nesta noite estava vestida de preto, um vestido longo e de mangas compridas, parecia uma freira. Fazia isso de propósito para excitar os homens que queriam mulher pura.
— Você, vociferou Celsinho, não é mulher coisa alguma! Nem ao menos sabe estalar um ovo! E eu sei! eu sei! eu sei! Carla virou Luísa. Branca, perplexa. Tinha sido atingida na sua feminilidade mais íntima. Perplexa, olhando para Celsinho que estava com cara de megera
- Você, vociferou Celsinho, não é mulher coisa alguma! Nem ao menos sabe estalar um ovo! E eu sei! Eu sei! Eu sei! (LISPECTOR, 1974, p. 63)

Nesse momento, Carla fica incrédula com as palavras de Celcinho: “tinha sido atingida na sua feminilidade mais íntima”. Sem dizer mais nada, “ergueu-se, esmagou o cigarro no cinzeiro e, sem explicar a ninguém, largando a festa no seu auge, foi embora” (Lispector, 1974, p. 64).

Acreditamos que esse episódio marca uma espécie de crise existencial para Carla. Até aquele momento, ela se percebia como uma mulher, pois se identificava com o sexo feminino e reconhecia essa identidade. No entanto, é como se as palavras de Celcinho tivessem despertado nela um sentimento de inadequação, fazendo-a sentir-se deslocada em relação ao papel de mulher. Ela passa a questionar sua feminilidade, pois acredita que não atende aos padrões sociais para ser considerada uma “mulher de verdade”. Por isso, no auge da sua crise existencial:

Ficou em pé, de preto, na Praça Mauá, às três horas da madrugada. Como a mais vagabunda das prostitutas. Solitária. Sem remédio. Era verdade: não sabia fritar um ovo. E Celcinho era mais mulher que ela. A praça estava às escuras. E Luísa respirou profundamente. Olhava os postes. A praça vazia. E no céu as estrelas. (Lispector, 1974, p.64)

Ao descrever Carla na praça Mauá solitária e perdida às três da madrugada, Lispector constrói uma imagem de vulnerabilidade. A praça escura e vazia parece representar o seu estado emocional, simbolizando seu vazio interno, a escuridão representando a falta de clareza quanto a sua identidade naquele momento. Ao olhar para as estrelas no céu Carla talvez buscasse encontrar a si mesma, desconexa dos papéis e habilidades que a sociedade associa a feminilidade tradicional. Dessa forma, Clarice Lispector coloca em foco o sentimento de inadequação sentido por muitas ao não corresponder aos padrões impostos pela sociedade.

Conclui-se, portanto, que ao revelar a vulnerabilidade e o conflito interno de Carla, Clarice Lispector expõe a complexidade de se desvincular das normas sociais que restringem a construção de uma identidade genuína. A solidão e o vazio emocional da personagem refletem a experiência de muitas mulheres que, ao tentarem se adequar aos rígidos padrões sociais, acabam perdendo a conexão consigo mesmas. Dessa forma, fica evidente a necessidade de questionar a opressão dos papéis tradicionais, ressaltando a importância de uma sociedade na qual a subjetividade e liberdade individual não sejam anuladas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do conto Praça Mauá, que integra a coletânea A Via Crucis do Corpo (1974), constatamos que Clarice Lispector expressa certa ousadia ao abordar temas considerados tabus para o contexto em que publica sua obra, daí ter

recebido críticas que a colocaram à margem da literatura considerada "séria", conforme explicitamos através dos estudos críticos mencionados ao longo do nosso trabalho. Por outro lado, ao abordar temas como a homossexualidade, a prostituição, dentre outros identificados nessa coletânea, traz à tona realidades reprimidas e marginalizadas, possibilitando uma nova perspectiva sobre a literatura e a própria figura da mulher na sociedade. A análise da personagem Carla/Luisa representa um confronto direto com o papel tradicional esperado da mulher.

A crise de identidade enfrentada pela protagonista, provocada pelo embate com Celsinho, reflete a busca pela identidade feminina em um cenário opressor. Sendo assim, podemos afirmar que a cena final, em que Carla se encontra sozinha na praça, evidencia a sensação de inadequação e vazio ao perceber que não se encaixa nos moldes de feminilidade exigidos.

Tal sensação pode ser a de tantas pessoas que vivenciam conflitos dilemas existenciais como o de Carla/Luisa. Nesse sentido, acreditamos que a leitura de textos como este tendem a ampliar o horizonte de expectativas dos estudantes e, desse modo, a leitura de obras como esta em sala de aula possibilitam o amplo debate acerca da noção de liberdade pessoal e gerar reflexões sobre temas como a individualidade, o direito à autonomia e o impacto das expectativas sociais, promovendo a empatia e um olhar crítico sobre as relações de poder e as normas de comportamento. Além de auxiliar para que compreendam os padrões ainda presentes na sociedade contemporânea.

Em suma, esse estudo tem sua relevância para o campo da literatura na medida em que possibilita ampliar as perspectivas de interpretação. E o olhar para obra de Clarice Lispector sob uma ótica feminista permite que seus textos dialoguem com as questões atuais de identidade e de representatividade. Dessa forma, nosso estudo vem contribuir com a crítica em torno da obra da autora, enriquecendo o estudo literário, revelando as múltiplas camadas de significado nas obras, além de

demonstrar a importância da literatura como espelho e como instrumento de transformação social.

REFERÊNCIAS

- BONICCI, Thomas e ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária: abordagens e tendências literárias contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Editora da UEM, 2009.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; ALVES, Lorena Salviano. **O papel social feminino no conto “praça mauá”, Lispector Clarice: afinal, o que é ser mulher de verdade?** Caderno Seminal, Rio de Janeiro, n. 39, 14 out. 2021.
- BORIS,Georgis Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado á contemporaneidade**. Mal Estar.subj, v.7 n.2 Fortaleza set. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012. Acesso em: 26, nov. 2024.
- DERING, Renato de Oliveira; SILVA, Leandro Alves da; MARTINS, Pauliany Carla. **O conto a “Praça Mauá”, de Clarice Lispector: a filosofia da diferença e o devir nas mulheridades**,. Humanidades e Inovação, Tocantins, v. 8, n. 58, p. 285-293, ago. 2021.
- LISPECTOR, clarice, **A via cruceis do corpo**, Rio de Janeiro, Rocco, 1974.
- JINZENJI, Mônica Yumi. **Leitura e escrita femininas no século XIX**. Cadernos Pagu, Campinas, p. 367-394 2012. Disponível em: SciELO. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100013>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- MOSER, Benjamin, **A mais abrangente entrevista com Clarice Lispector resgata seu lado falante e descontraído**, quatro cinco um, 2023. Disponível em: <https://quatrocinco.com.br/entrevistas/literatura/literatura-brasileira/tesouro-bem-guardado/>. Acesso em: 6,nov.2024
- ROCHA, Rosina Bezerra de Mello Santos; SILVA, Teresinha Vania Zimbrão da. **VIA CRUCIS de Clarice Lispector**;Teoliteraria, São Paulo, 2024.
- ROSENBAUM,Yudith, **Clarice lispector**, são Paulo,Publifolha, 2002
- SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio, **Todos passam pela via cruceis: a corporeidade em Clarice Lispector**, Psicologia em estudo, Maringá, v.15, p. 21-2011, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/t8MR4Bmy79bgsnvvKP3j5dG/#>. Acesso em: 5.nov. 2024.
- SEGATO, Maiara Cristina; RODRIGUES, Milton Hermes. **RECEPÇÃO CRÍTICA EM PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM, DE CLARICE LISPECTOR.**; CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO MÖLTIPLAS OLHARES, Maringá, p. 5-50, 2013.
- .THIMÓTEO, Saulo Gomes; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **A técnica narrativa em Clarice Lispector e James Joyce**, CELLI – COLÓQUIODE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, Maringá, p. 931-939, 2009.